

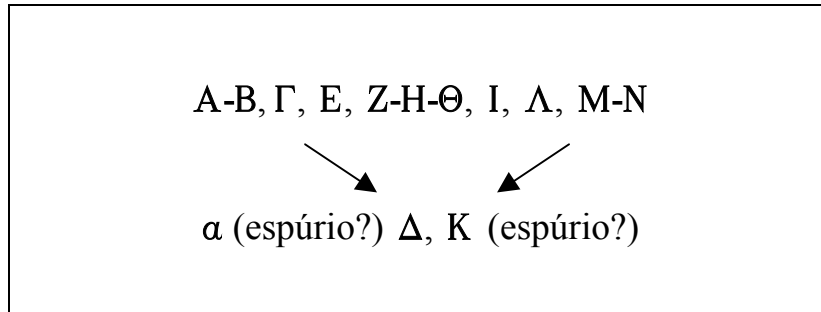
# **A METAFÍSICA**

## **ESTRUTURA GERAL**

- A Circunscrição da *Metafísica* como ciência das primeiras causas e dos primeiros princípios; enunciado das quatro causas; análise retrospectiva da história da filosofia de acordo com o esquema das quatro causas
- α Caracterização da *Metafísica*; demonstração da necessidade de um primeiro princípio.
- B Aporias da *Metafísica*.
- Γ A filosofia como ciência do ente enquanto ente; o princípio de contradição.
- Δ Léxico.
- E Classificação das ciências teoréticas e, em especial, da filosofia primeira; o ente como acidente; o ente como verdadeiro.
- Z A substância.
- H A matéria e a forma.
- Θ O acto e a potência.
- I Atributos gerais da substância (unidade, etc.).
- K Resumo dos livros anteriores; alguns desenvolvimentos independentes sobre o movimento, o infinito, etc.
- Λ A substância imutável.
- M } Matemática; crítica à teoria platónica das ideias.
- N }

# A METAFÍSICA

## ESTRATOS DO TEXTO



Uma versão da *Metafísica* em dez livros estava já compilada aquando da elaboração das primeiras listas antigas das obras de Aristóteles.

Só α, Δ, K e Λ, se todos autênticos, <sup>1</sup> subsistiam, a crer em Jaeger, <sup>2</sup> em estado independente.

A existência do livro Δ como um escrito independente é, como vimos, atestada pelos próprios catálogos; <sup>3</sup> e o seu carácter de dicionário filosófico justifica que assim tenha sucedido.

O livro α é claramente um pequeno opúsculo independente, porventura inacabado, concebido para introdução global a uma grande colecção de tratados de física; a sua existência como tratado autónomo, que os catálogos não parecem documentar, é portanto claramente consistente com a sua natureza e conteúdo.

O livro K é bem mais complexo. Compõem-no manifestamente duas partes completamente distintas: a primeira (1-8, 1065a26) constitui um sumário de B-Γ-E (de que poderá ter sido um primeiro esboço ou então um resumo); a segunda (1065a26 até ao fim) é uma colecção muito heteróclita de excertos e sùmulas da *Física*. Ambas, se de facto redigidas por Aristóteles, seriam

---

<sup>1</sup> A dúvida persiste em relação a α e a K. O primeiro foi atribuído na Antiguidade a Pásicles de Rodes, sobrinho de Eudemo. Os autores modernos dividem-se quanto à sua autenticidade (ver o estado da questão em Owens, "The Present Status of Alpha Elatton in the Aristotelian *Metaphysics*", *AGPh*, 66, 1984, pp. 148-169). A estilometria sugere fortemente o seu carácter espúrio: cf. Kenny, "A Stylometric Comparison Between Five Disputed Works and the Remainder of Aristotelian Corpus" e "A Stylometric Study of Aristotle's *Metaphysics*", p. 14. A situação da *Metafísica* K é mais confortável. Também aqui não existe consenso entre os estudiosos; um bom exemplo é dado pelas posições contrastantes assumidas no mesmo *Symposium Aristotelicum* por Aubenque, em "Sur l'inauthenticité du livre K de la *Métaphysique*", e por Décarie, em "L'authenticité du livre K de la *Métaphysique*". No entanto, a estilometria aponta fortemente para a genuinidade: veja-se Kenny, "A Stylometric Comparison", e Rutten, "La stylométrie et la question de 'Métaphysique' K".

<sup>2</sup> *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles*, p. 180.

<sup>3</sup> Cf. DL 36, A 37, e *supra*, Cap. II, n. 46.

decerto, no estado original da colecção, *dois* livros independentes que o próprio Andrónico ou algum dos seus antecessores assaz desastradamente juntaram.

No todo, a existência de  $\alpha$ ,  $\Delta$  e K (1 e 2) em estado independente é não só perfeitamente provável como até perfeitamente justificada. A sua junção à *Metafísica*, em absoluto dispensável, é que se compreende apenas pelo afã de Andrónico em reduzir e unificar, o que nem sempre fez com igual felicidade.

O caso do livro  $\Lambda$  é totalmente diferente. Jaeger encara-o como um dos livros excluídos do tratado original em dez livros. Mas isso é muito pouco provável, porque, como teremos ocasião de ver,<sup>4</sup> o objecto fundamental do livro  $\Lambda$ , a saber, a substância não-sensível, é parte integrante do projecto da *Metafísica*, tal como ele é anunciado desde os estratos (que o próprio Jaeger virá a considerar) mais antigos do tratado,<sup>5</sup> e decerto tão integrante como o é a investigação sobre a natureza dos objectos matemáticos na sua relação com a substância.<sup>6</sup> Ora, se é concebível que a *Metafísica*  $\Lambda$  tenha começado por existir em estado independente,<sup>7</sup> não é concebível que, uma vez constituído o tratado aristotélico original de que a lista mais antiga dá testemunho, o livro  $\Lambda$  não estivesse nela incluído.

Não temos explicação para o facto de a edição primitiva da *Metafísica* só contar dez livros<sup>8</sup> e de dele fazerem certamente parte A, B,  $\Gamma$ , E, Z, H,  $\Theta$ , I, M e N, o que já perfaz o número indicado. A única hipótese que podemos provisoriamente avançar (e que é reconhecidamente pobre) é que M e N tivessem sido então incluídos como um único livro, caso em que a *Urmetaphysik* seria A, B,  $\Gamma$ , E, Z, H,  $\Theta$ , I,  $\Lambda$ , M-N.

---

<sup>4</sup> No § III.1.3.1. Mas percorra-se para já o Apêndice III, onde propomos um conspecto estrutural da *Metafísica* tal como a conhecemos hoje.

<sup>5</sup> Cf. *Metaph.* B 1, 995b14-18, e B 2, 997a34-998a19.

<sup>6</sup> Que Aristóteles anuncia igualmente em *Metaph.* B 1, 996a12-15, e B 5, 1001b26-1002b11, e levará a cabo nos livros M e N.

<sup>7</sup> Como muito provavelmente M-N também existiram em estado independente: lembre-se o título  $\text{Περὶ τῆς ἐν τοῖς μαθήμασιν οὐσίας}$  em A 160.

<sup>8</sup> Não compartilhamos a tese de Lord (“On the Early History of the Aristotelian *Corpus*”, pp. 146, 149-151) segundo a qual, em A 111,  $\kappa'$  deve ser lido como o número de livros (vinte) e não como o algarismo correspondente ao último volume (décimo). Não só não se vê que textos dos catálogos chegariam para preencher uma tal *Metafísica* em vinte livros (os catorze da actual são já porventura demais), como principalmente é contra a lógica da lista mais antiga, que é essencialmente dispersiva, conter uma obra cuja constituição teria necessariamente envolvido sucessivos estratos de adição. É que não se trataria aqui de uma mera compilação, de problemas (como em DL 120, A 110, P 76), de reclamações legais (DL 129, A 120) ou de Constituições (DL 143, A 135, P 86). Tratar-se-ia da composição de um novo *tratado* a partir de edições parciais mais antigas. Ora esse exercício, efectuado em grande escala, só se verifica com Andrónico.

Objecto da Metafísica:  
Substância em geral ou substância imutável?

Concepção tradicional:

A metafísica é *teologia* e o seu objecto próprio é, portanto, a substância imutável ou divina.

Ruptura:

Distinção wolffiana entre *metaphysica generalis* e *metaphysica specialis*, com a consequente cisão entre a ciência do ente em geral (*ontologia*) e a ciência do ente divino, encarada como ciência de um ente particular (*teologia*).

Aplicação à *Metafísica* de Aristóteles (NATORP, “Thema und Disposition der aristotelischen Metaphysik”, 1888):

Aristóteles mantém ao longo do tratado dois pontos de vista distintos, irreconciliáveis e contraditórios acerca da natureza da metafísica: em certos locais, entende-a como ciência do ente enquanto ente, isto é, como ciência do ente *em geral*, logo como *metaphysica generalis* ou ontologia; noutros, entende-a como ciência do ente divino e, nesta medida, como uma *metaphysica specialis*, a saber, como teologia.

## Matrizes de Solução

1. A atitude *atética* (P. NATORP): a ideia de uma teologia é radicalmente estranha ao projecto metafísico de Aristóteles e todos os desenvolvimentos neste sentido provêm de interpolações tardias de origem platonizante, pelo que o conteúdo teológico da *Metafísica* deve ser pura e simplesmente excisado;
2. A solução *dualista* (E. ZELLER, “Bericht über die deutsche Litteratur”, 1889): há de facto dois pontos de vista na *Metafísica* de Aristóteles e esses dois pontos de vista são de facto contraditórios, mas também são *constitutivos* da *Metafísica*, pelo que não é legítimo decretar a atétese da teologia;
3. A solução *genética* (W. JAEGER, *Aristoteles. Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*, 1923): o problema de uma dualidade de pontos de vista acerca da natureza e do objecto da metafísica é resolvida através de uma evolução do pensamento aristotélico, o qual iria de um platonismo inicial para uma reflexão madura definitivamente liberta das referências à teologia e entregue à tarefa de erigir não uma ciência de um ente particular, a substância divina, mas a ciência do ente em geral;
4. O regresso à *perspectiva tradicional* (J. OWENS, *The doctrine of Being in the Aristotelian Metaphysics*, 1951; PH. MERLAN, *From Platonism to Neoplatonism*, 1953): em radical oposição às anteriores, porque desde logo em radical oposição à cisão wolffiana que NATORP atribuiu ao esquema metafísico de Aristóteles, defende que não há qualquer *metaphysica generalis* nem qualquer ontologia em Aristóteles: há apenas uma teologia que envolve em si mesma a referência universal a todos os entes *qua* entes, pelo que todas as passagens mencionadas por NATORP referem sempre uma única e mesma ciência, a teologia.
5. A perspectiva *aporemática* (P. AUBENQUE, *Le problème de l'être chez Aristote*, 1962): Aristóteles mantém ao longo do tratado duas perspectivas distintas sobre a metafísica, mas não chega a haver entre elas contradição, porque nem um nem outro dos projectos, a saber, nem a ontologia dos livros centrais da *Metafísica* nem a teologia do livro  $\Lambda$ , pretende ser uma ciência do ser (do qual não pode haver ciência, porque não é um género), mas apenas um problema dialéctico que Aristóteles se coloca a si mesmo.

## ROTEIRO DA METAFÍSICA

1	A 3, 983a24-26 K 1, 1059a18-20	A filosofia primeira é a ciência das primeiras causas e dos primeiros princípios.
2	Γ 1, 1003a26-27 Γ 1, 1003a31-32 Γ 2, 1003b17-19 E 1, 1025b3-4 E 4, 1028a3-4	Ciências das primeiras causas e dos primeiros princípios, <i>isto é</i> , ciência das causas e princípios <i>do ente enquanto ente</i> .
3	Δ 7 E 2, 1026a33-b2 (Θ 10, 1051a34-b2)	Os quatro sentidos de “ente”: por acidente; por si mesmo; como verdadeiro e falso; como acto e potência.
4	E 4, 1027b29-1028a4 K 8, 1065a21-26	Correcção e restrição do elenco anterior: ente por acidente e ente como verdadeiro e falso devem ser dispensados.
5	Δ 7, 1017a8-22 Δ 30 E 2-3 K 8, 1064b15-1065a21	Análise dos sentidos dispensados: o ente por acidente.
6	Δ 7, 1017a31-35 Δ 29 E 4 θ 10	Análise dos sentidos dispensados: o ente como verdadeiro e falso.
7	Γ 1-2	Como é possível uma ciência do ente enquanto ente e o que vem a ser tal ciência?
8	Γ 1-2	Resposta 1: A ciência do ente enquanto ente é possível porque todo o ente se diz <i>em relação a um sentido primário</i> (a substância).
9	Γ 2 Z 1	Resposta 2: Em conformidade, a ciência do ente enquanto ente é <i>a ciência da substância</i> .
10	B 1, 995b14-18; B 2, 997a34-998a19 B 1, 995b31-36; B 4, 999a24-b24 Z 2, 1028b27-31 K 2, 1060a3-36	Só existem substâncias sensíveis ou existem também substâncias não-sensíveis? E integram um único género ou constituem dois géneros diferentes? (Aporia 4 e Aporia 8)
11	I 10, 1058b26-1059a14	Resposta (implícita): As substâncias distribuem-se por dois grandes géneros, sensível e não-sensível.
12	B 1, 995b10-14; B 2, 997a15-25	É a mesma ciência que deve estudar todas as substâncias, ou há várias ciências para esse efeito? (Aporia 3)
13	E 1	Resposta: a filosofia primeira estuda todas as substâncias enquanto tais, o que engloba tanto as substâncias sensíveis como as não-sensíveis.

14	Z 2	Programa do estudo da substância.
15	Z 3	Análise da substância em geral.
16	Z 3, 1029a33-34 Z 11, 1037a10-17 Z 17, 1041a6-9 H 1, 1042a24-25 H 2, 1042b10-11 H 2, 1043a26-28 H 3, 1043a37-b1	Passagem ao estudo das substâncias sensíveis.
17	Z-Θ	Estudo das substâncias sensíveis.
18	Λ 1, 1069a30-b2 Λ 6, 1071b3-5	Passagem ao estudo das substâncias não-sensíveis.
19	Λ 6-9	Estudos das substâncias não-sensíveis (os motores imóveis).
20	B 1, 995b14-18; B 2, 997a34-998a19 B 1, 996a12-15; B 5, 1001b26-1002b11	Há um único género de substâncias não-sensíveis (o já tratado) ou há vários? (Aporia 4) Em particular, números, linhas, figuras e pontos são certas substâncias ou não? E, se são, estão separados dos sensíveis ou estão neles inerentes? (Aporia 14)
21	M 1, 1076a8-32 N 3, 1091a18-22	Necessidade de estudar os outros candidatos a substâncias não-sensíveis (ideias e objectos matemáticos).
22	M-N	Estudo dos outros candidatos a substâncias não-sensíveis (ideias e objectos matemáticos).
23	B 1, 995b18-27; B 2, 997a25-34	A filosofia primeira deve estudar as substâncias apenas, ou também os seus atributos gerais como “mesmo”, “outro”, “semelhante”, “dissemelhante”, “contrário”, “anterior” e “posterior”? (Aporia 5)
24	Γ 2, 1003b22-1005a18 K 3, 1061b4-11	Resposta: à ciência do ente enquanto ente pertence estudar também a unidade e outros predicados <i>per se</i> do ente enquanto ente.
25	I 1-10	Estudo dos atributos gerais da substância, sensível ou não-sensível.
26	B 1, 995b6-10; B 2, 996b26-997a15	A filosofia primeira deve estudar apenas os princípios da substância ou também os princípios maximamente comuns? (Aporia 2)
27	Γ 3, 1005a19-29 Γ 3, 1005b5-17 K 4, 1061b17-27	Resposta: à ciência do ente enquanto ente cabe ainda investigar os princípios comuns que estão supostos em todo o argumento, como por exemplo o princípio de contradição.
28	Γ 3-8	Estudo dos princípios maximamente comuns.